

“Uma família que trabalha”: oficinas de geração de trabalho e renda da Reabilitação, Trabalho e Arte de Pelotas (RS)

“A family that works”: Workshops for the generation of work and income of Rehabilitation, Work and Art in Pelotas (RS)

Pâmela Volz Pammi¹

pammi.volz@gmail.com

Elaine Tomasi¹

tomasiet@gmail.com

Resumo. Com o objetivo de destacar a importância da reciprocidade (dar, receber e retribuir) frente à estigmatização social pela doença no processo de inclusão social pelo trabalho, o presente artigo analisa as relações estabelecidas entre profissionais e usuárias no interior das oficinas de geração de trabalho e renda da Reabilitação, Trabalho e Arte (RETRATE) de Pelotas (RS). Pautado essencialmente nas contribuições teóricas de Goffman, Guareschi e Caillé, conjugadas estas, por sua vez, à proposta metodológica trazida pela sociologia da vida cotidiana, o trabalho apresenta os discursos e as práticas presentes no cotidiano das oficinas da RETRATE. O resultado obtido é a constatação de que, apesar das tensões e contradições existentes no processo de inclusão social pelo trabalho, a triplíce obrigação (dar, receber e retribuir) é concebida como preponderante entre o grupo, sendo essencial para a ressignificação identitária dos portadores de transtornos mentais e para a minimização do estigma social da doença.

Palavras-chave: saúde mental, estigma, reciprocidade.

Abstract. With the purpose of highlighting the importance of reciprocity (giving, getting and returning) over against the social stigma of the disease in the process of social inclusion through work, the article analyzes the relationships established between professionals and users in the workshops for the generation of work and income at RETRATE – *Reabilitação, Trabalho e Arte* [= Rehabilitation, Work and Art] in Pelotas (RS). Essentially based on the theoretical contributions of Goffman, Guareschi and Caillé, as well as a combination of them with the methodological proposals of the sociology of everyday life, it presents the discourses and practices found in the RETRATE workshops. The result shows that despite the tensions and contradictions in the process of social inclusion through work, the triple obligation of giving, getting and returning is conceived as relevant by the group. Thus, it is essential for the re-signification of the identity of persons with mental disturbances and for the minimization of the social stigma associated with the disease.

Key words: mental health, stigma, reciprocity.

¹ Universidade Federal de Pelotas. Rua Duque de Caxias, 250, 96030-000, Pelotas, RS, Brasil.

Introdução

É inaceitável ignorar que, por não fazerem parte da categoria considerada *normal* da sociedade brasileira (portadora da razão plena, que trabalha e mantém vínculos societários), até o século XIX os sujeitos acometidos por transtornos mentais tiveram seus direitos de cidadania, sobretudo os referentes à liberdade, ignorados pelos diferentes governos e pelas políticas efetivadas por estes. Excluídos do mercado de trabalho, da família, da cultura e da política, tais indivíduos ficaram segregados naquelas instituições, tendo o exercício de seus papéis sociais limitados e vendo-se anulados enquanto sujeitos singulares.

Foi somente no século XX, no contexto da redemocratização do país e da Reforma Psiquiátrica, que o discurso em torno da cidadania dos sujeitos portadores de transtornos mentais passou a receber novo enfoque no Brasil. Esse ideário, fortemente influenciado pelas lutas dos movimentos sociais, pela inclusão social e o reconhecimento da diferença, apontou para um modelo assistencial baseado na desinstitucionalização e, conseqüentemente, na manutenção dos vínculos sociais e familiares.

Ademais, estimulado pela demanda crescente posta pelo Movimento Antimanicomial de tornar política social pública a inserção dos portadores de transtornos mentais e de dependentes de álcool e outras drogas no processo de trabalho, o referido ideário rediscutiu o sentido do mesmo na vida dos portadores de transtornos mentais e desenvolveu projetos para a implantação de cooperativas sociais e oficinas de geração de trabalho e renda na rede de saúde mental. Se antes sua relevância denotava norma moral, entretenimento ou componente terapêutico, nesse novo contexto o trabalho adquiriu outro significado: aqueles que antes eram vistos simplesmente como doentes em tratamento começaram a ser vistos como trabalhadores.

Mas, apesar dos significativos avanços da Reforma Psiquiátrica nas últimas décadas, a

mesma ainda representa um problema social de ordem macroestrutural que envolve tanto questões políticas, como econômicas e sociais. Nesse sentido, ao se refletir especificamente sobre os discursos e as práticas presentes nas oficinas de geração de trabalho e renda da Reabilitação, Trabalho e Arte (RETRATE) de Pelotas (RS), o presente estudo tem como objetivo analisar a importância das relações de reciprocidade partilhada frente à estigmatização social pela doença no processo de inclusão social pelo trabalho.

Exemplos comuns de reciprocidade² vão desde as saudações diárias – como o *bom dia*, o *boa tarde* e o *até logo* – até o abraço apertado, o olhar carinhoso e a troca de saberes e experiências. Tais episódios correspondem, assim, à experiência afetiva direta e à preocupação com o outro e com as suas condições de existência. A reciprocidade ocorre espontaneamente e não pode ser compreendida isoladamente, pois se assenta em um ciclo tripartido: dar, receber e retribuir³.

Por nem sempre ser possível retribuir com o mesmo valor, estabelece-se um jogo dinâmico entre o doador e o receptor. Existe interesse nas relações de reciprocidade, mas ele não se compara a uma relação de mercado. Assim, conforme for a ligação entre os usuários, bem como entre estes e as profissionais do serviço, a reciprocidade poderá ser forte e simétrica – auxiliando na redução do estigma e, conseqüentemente, no aumento da autoestima dos envolvidos, melhorando o serviço como um todo – ou fraca e assimétrica –, culminando num sentimento de dependência e exclusão, e desestabilizando o serviço.

Fundadas em 2005 e vinculadas à Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Pelotas, as oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE são compostas por usuários que estão em processo de alta dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e da rede de saúde mental do município⁴. Tendo seus objetivos voltados à reabilitação psicossocial e, especialmente, econômica

² Fala-se aqui da reciprocidade partilhada, a qual representa uma atualização do conceito do dom e da dádiva trazido por Mauss (1974) e atualizado por Caillé (2002).

³ Temple (1998, in Sabourin, 2008) sistematiza as estruturas elementares de reciprocidade ao citar certos valores humanos que as produzem ou reproduzem. Portanto, para o referido autor, a reciprocidade binária simétrica (*face to face*, cara a cara) produz a amizade; a reciprocidade binária assimétrica produz prestígio do doador e obrigação ao receptor (dádiva agonística, *potlach*); e, na estrutura de reciprocidade centralizada, as prestações e as decisões são distribuídas por um centro de redistribuição (o chefe, o poder religioso, o patriarca, o rei, o Estado); neste caso, a confiança torna-se obediência e sujeição ao centro de redistribuição.

⁴ Este serviço está cadastrado no Ministério da Saúde desde novembro de 2004, quando se fez representado em Brasília na primeira Oficina de Experiências de Geração de Renda e Trabalho de Usuários de Serviços de Saúde Mental.

de pessoas portadoras de transtornos mentais e/ou com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas, refletem o que está sendo realizado no Brasil em termos de políticas sociais públicas para a inclusão social pelo trabalho⁵ e desconstrução de ações excludentes e estigmatizantes.⁶

Até o final de 2011, a RETRATE oferecia sete oficinas aos usuários, a saber: costura, confecção de sacolas de papel, tricô, crochê, tear, reciclagem de papel e pintura em tecido. As mesmas funcionavam de segunda a sexta-feira, das 9 às 12 horas e das 14 horas às 17 horas e 30 minutos. Atuavam neste serviço duas artistas plásticas, uma assistente social e uma técnica de enfermagem, todas servidoras concursadas.

O trabalho de campo pautou-se, portanto, na sociologia da vida cotidiana, onde, no decorrer de onze meses, foram analisadas as interações entre o grupo e as práticas relacionadas às estruturas de reciprocidade, através da imersão da pesquisadora no cotidiano das oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE. A metodologia referente à sociologia da vida cotidiana se mostrou satisfatória na medida em que permitiu apreender a situação a ser verificada no local de trabalho dos sujeitos, auxiliando, igualmente, na compreensão do modo como as usuárias da instituição examinada agiam e davam sentido ao seu mundo, apesar do estigma incorporado a partir da doença⁷.

A escolha por mulheres deveu-se ao fato de que, dentre os 18 usuários que participavam das oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE no ano de 2011, apenas cinco eram homens. Ademais, foram as mulheres observadas (todas participantes das oficinas de costura, tricô, crochê e tear) as únicas que, no ano de 2010, deram continuidade ao trabalho, mesmo com as atividades se desenvolvendo em uma pequena sala cedida pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Escola. Trata-se, portanto, de usuárias dos serviços de saúde mental na faixa etária dos 50 aos 70 anos, mães e que

nasceram e moram em bairros populares do município de Pelotas. A maioria possui uma condição financeira desfavorecida e tem, como diagnóstico médico, depressão profunda.

Considerações iniciais feitas, cabe destacar que o artigo divide-se em duas seções: (i) Parcerias instituídas para viabilizar a inclusão social pelo trabalho; (ii) relações que se estabelecem entre as profissionais e as usuárias no cotidiano das oficinas. Conclui-se, por fim, que, para além da geração de trabalho e renda (que ainda é caracterizada por problemas técnicos e insuficiências econômicas), a importância da RETRATE para as usuárias relaciona-se diretamente ao dar, receber e retribuir que sela as alianças e instaura o vínculo social.

Parcerias instituídas para viabilizar a inclusão social pelo trabalho

A RETRATE é o único serviço da rede de saúde mental do município de Pelotas a priorizar a geração de trabalho e renda aos portadores de transtornos mentais e portadores de transtornos decorrentes de álcool e outras drogas. No entanto, a precariedade dos recursos liberados para o seu funcionamento, bem como o constante descaso do poder público municipal, foram fatores determinantes para que as profissionais responsáveis pelo serviço buscassem articular algumas parcerias para efetivar a inclusão social pelo trabalho e, conseqüentemente, investir na qualificação profissional dos usuários.

Como no mesmo período de constituição da RETRATE estava se consolidando a parceria entre o Ministério da Saúde e a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, optou-se por buscar, junto ao Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas/Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (NESIC/INTECOOP) e ao Fórum de Economia Solidária (FES) de Pelotas, orientações técnicas acerca da possibilidade de criação e implementação de uma cooperativa popular.

⁵ A proposta de inclusão social pelo trabalho é fruto da parceria instituída entre a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego e a Coordenação Nacional de Saúde Mental do Ministério da Saúde. Ela configura-se como um marco nas políticas públicas voltadas à saúde mental, por representar uma estratégia do governo frente à exclusão social no modelo capitalista.

⁶ As leis nº 9.867, de 10 de novembro de 1999, e nº 10.216, de 6 de abril de 2001, justificam e fundamentam essa iniciativa governamental. A primeira dispõe sobre a criação e o funcionamento de cooperativas sociais, visando à inclusão social daqueles que estão em desvantagem no mercado econômico, e a segunda dispõe sobre a proteção e os direitos dos sujeitos portadores de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

⁷ O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Odontologia da UFPel (Parecer nº 02/2012, de 08 de fevereiro de 2012), em conformidade com a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde.

A importância dessa parceria, conforme Singer (2005, p. 11), relaciona-se ao fato de que

a economia solidária e o movimento antimanicomial nascem da mesma matriz – a luta contra a exclusão social e econômica. Uns são excluídos (e trancafiados) porque são loucos, outros porque são pobres. Há ricos que enlouquecem porque empobreceram, e há pobres que enlouquecem porque ninguém os nota (o que é uma forma particularmente cruel de exclusão). A matriz comum de ambos é uma sociedade que fabrica pobres e loucos de modo casual e inconsciente.

Assim, a partir de uma ação pedagógica orientada pelas trocas entre o *saber popular* e o *saber acadêmico*, o trabalho do NESIC/INTECOOP junto aos usuários primou pela adoção de instrumentos e técnicas que permitissem lidar com as limitações que dificultavam a aprendizagem. Inicialmente, objetivou a consolidação de uma iniciativa econômica fundamentada nos princípios de solidariedade e autogestão. Porém, devido à fragilidade apresentada na legislação⁸, ao pequeno número de usuários interessados em se engajar no projeto para regulamentar a cooperativa e à falta de qualidade dos produtos confeccionados⁹, acabou-se optando pela não formalização do empreendimento.

Embora se tenha preferido a não formalização das oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE enquanto empreendimento econômico e solidário, nada impediu que o grupo continuasse se beneficiando das parcerias com a Incubadora e com o FES. Aliás, ainda hoje a atuação desses profissionais presta importante contribuição ao trabalho do grupo, pois os mesmos continuam acompanhando e proporcionando atividades de formação e espaços para a comercialização da produção.

É, sem sombra de dúvidas, nas feiras propostas pelo NESIC/INTECOOP e pelo FES que as usuárias da RETRATE têm a possibilidade de desmistificar o estigma do portador de transtorno mental, aumentando, deste modo, sua autonomia e participação social. Ao negociarem as mercadorias, as usuárias participam de redes de relações nas quais são negociados não só produtos, mas também afetos, valores, interesses, etc. Não obstante, apesar da con-

cordância plena com o argumento de Chabal (2005, *in* Sabourin, 2011, p. 39) de que “não é tanto o objeto da partilha que importa, mas as ações dos sujeitos”, é, com certeza, nesses espaços que a RETRATE tem mais lucro ao vender seus produtos.¹⁰

Ademais, é a representação que se faz sobre o trabalho enquanto valor moral, em contraposição à diferença e ao desvalor conferido ao ócio e à própria doença, que positiva a identidade das usuárias e lhes proporciona segurança e desenvoltura no momento da interação com os ditos *normais* no decorrer das feiras. É como se a condição de sujeito, que está abalada devido à estigmatização social pela doença, fosse ressignificada nesses momentos em que a identidade de trabalhador é que se sobressai.

Tais achados corroboram o pensamento de Saraceno (2001, *in* Lussi, 2009) sobre as potencialidades e qualidades conferidas ao espaço do mercado no que tange à inserção social e ressignificação identitária. O autor enfatiza que,

*no espaço do mercado – mais especificamente o mercado da praça ou os espaços públicos, nos quais acontecem trocas sociais – o que mais importa é o sujeito e o sentido que ele produz. A experiência de estar incluído nesse tipo de negociação, ou melhor, gozar do direito de ser um cidadão, pode promover a ampliação ou reconstrução da identidade do sujeito (Saraceno, 2001, *in* Lussi, 2009, p. 120).*

Relativamente à percepção da pesquisadora sobre as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos nesses espaços, o que chama a atenção é o fato do preconceito não emanar somente daqueles considerados *normais*, mas, em algumas situações, das próprias profissionais e usuárias que não aceitam a participação daqueles que, por apresentarem problemas mentais mais evidentes, acabam ficando sentados, com os braços cruzados e sem atender a ninguém. Sempre que algum destes usuários (considerados sem condições de participar das feiras) se faz presente, logo é mandado embora com o pretexto de que já há gente suficiente para trabalhar e que o mesmo não precisa ficar se cansando à toa. Entretanto, essa situação pode ser relativizada, uma vez que, no momento em que

⁸ Amarante (2007, *in* Barreto, 2009, p. 144) aponta para a necessidade de revisão da legislação brasileira, pois tanto “o código penal, como o código civil, ou ainda outras leis e normas sociais estão repletas de referências nocivas aos sujeitos em sofrimento psíquico e representam obstáculos significativos ao exercício da cidadania”.

⁹ No ano de 2007, a produção da RETRATE não apresentava diversidade e, muito menos, qualidade. Àquela época, ela seguia o princípio de que todo dinheiro arrecadado com a venda dos produtos deveria ser revertido aos usuários, e, para tanto, utilizava-se apenas o material enviado, muitas vezes de seis em seis meses, pela SMS do município.

¹⁰ Em geral, as feiras ocorrem mensalmente e as vendas variam de R\$ 100,00 a R\$ 200,00.

são as usuárias das oficinas de costura, confecção de sacolas de papel, tricô, crochê e tear que assumem de fato o compromisso com as feiras, elas julgam desnecessária a participação dos usuários de outras oficinas (seja a de papel reciclado ou a de pintura em tecido) e geram uma equação entre nós/responsáveis e excelentes vendedoras e eles/irresponsáveis (por participarem das feiras apenas quando querem) e incapazes de realizar uma venda. Portanto, o que pode ser destacado é um nível identificatório mais fechado e com laços de amizade consolidados (relativo ao grupo observado) e um mais aberto (relativo aos usuários das demais oficinas, os quais não interagem com elas cotidianamente).

Ademais, a insatisfação das usuárias é visível apenas para quem observa as atitudes e as conversas, pois ela é disfarçada e amenizada por quem a detém. Assim, na maioria das vezes, os usuários que estão sendo discretamente mandados embora da feira acreditam que as colegas estão realmente demonstrando preocupação para com eles e permanecem até o final da feira para o descontentamento de todos os presentes, sejam técnicas ou usuários.

As profissionais, enquanto isso, embora discursivamente enfatizem a importância da participação e do comprometimento de todos, também reclamam que muitos dos usuários se fazem presentes no decorrer das feiras apenas porque nestas recebem cinco presenças¹¹, o que influencia diretamente no valor embolsado no momento da divisão do dinheiro. Este fato, por sua vez, confirma tanto a ideia de que não há uma linearidade entre o discurso e a prática no processo de inclusão social pelo trabalho de portadores de transtornos mentais, como também o pensamento de Goffman (1980) de que o menosprezo não é necessariamente reduzido quando se estabelece uma rotina diária de familiaridade e normalização da interação.

Kirch e Sabourin (2007) – em sua pesquisa sobre as relações de reciprocidade e suas implicações nos processos de incubação de empreendimentos econômicos e solidários, oferecidos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – elucidam que existem diferentes polaridades e consequências nas relações entre educadores e formandos. Partindo de uma leitura da reciprocidade educativa, os autores mostraram os elos de reciprocidade simétrica e assimétrica existentes entre os trabalhadores

da economia solidária, professores universitários da área de tecnologia das informações, bem como monitores e voluntários da incubação. Eles enfatizam que, em vários casos, os processos de capacitação e incubação dos empreendimentos estão centrados em metas meramente instrumentais, que levam à adoção de um processo de transferência de conhecimento e tecnologia mais do que à aquisição de regras, princípios e valores. Muitos professores, por estarem mais preocupados com os objetivos práticos do que com os métodos e processos adotados, acabam relegando a um segundo plano a função simbólica da educação, que são os princípios e projetos das cooperativas populares e da economia solidária.

Neste contexto, em que os valores éticos não são respeitados, há de se avaliar cuidadosamente quais são os valores simbólicos presentes nas relações de educação e dinâmicas de aprendizagem, visto que os mesmos também podem ser produzidos mediante manifestações de assimetria e centralidade, as quais acabam gerando sujeição e obediência dos membros das cooperativas populares, em vez de interação e construção de autonomia em conjunto com os profissionais vinculados à incubadora.

Portanto, ao se refletir sobre as manifestações de estigma no interior das oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE, pode-se afirmar que, embora as relações de reciprocidade assimétricas não sejam preponderantes no cotidiano do serviço, em alguns momentos elas também são produzidas para: cumprir objetivos meramente práticos (como gerar trabalho e renda para os usuários); para efeito de manutenção do poder da sociedade, e para sustentar a distinção das profissionais atuantes, e não apenas para transmitir saberes e mobilizar valores humanos universais. No entanto, conforme enfatiza Cailé (2002, p. 60), “o paradoxo, suplementar, é que essa rivalidade é, ela mesma, a condição da aliança e da amizade”.

Pelo até aqui exposto na seção, considera-se que as lutas contra a exclusão social e econômica ainda enfrentam obstáculos gigantescos. Pois se, de um lado, encontra-se “a falta de capital, de qualificação profissional, de mercado, de formalização legal, enfim de condições objetivas para o exercício de uma

¹¹ As cinco presenças são dadas como forma de incentivo para a participação das usuárias nas feiras, visto que, por ser mais desgastante o serviço, muitas não gostam de auxiliar na montagem e na desmontagem da barraca, assim como evitam carregar as sacolas pesadas com o material para ser vendido.

atividade econômica regular” (Singer, 2005, p. 12), de outro, encontram-se “as dificuldades subjetivas: como passar do trabalho protegido ao autônomo, o único verdadeiramente cooperativo” (Singer, 2005, p. 12).

Assim, do mesmo modo como a inclusão social pelo trabalho de portadores de transtornos mentais é lenta e muitas vezes desestimulante, a consolidação de empreendimentos econômicos solidários também se apresenta como um campo repleto de desafios. Esta consolidação está diretamente relacionada ao crescimento de uma cultura de cooperação e de solidariedade, exigindo, sobretudo, a participação e o envolvimento de todos aqueles que acreditam na constituição de um campo político, social e econômico alternativo ao capitalismo.

Relações que se estabelecem entre as profissionais e os usuários no cotidiano das oficinas

Quando fala sobre saúde mental, Saraceno (1996, *in* Lussi *et al.*, 2006, p. 455) defende que o profissional da área “não estabelece, de fora, um novo padrão de organização, mas age como facilitador, no sentido de se atingir uma reorganização da vida pessoal e das relações sociais” dos portadores de transtornos mentais. Assim, é o próprio usuário que, no decorrer das oficinas, desenvolve novas formas de autonomia que possibilitam sua estabilização e relativa independência dos cuidados das profissionais atuantes. Segundo o autor, mesmo que a doença mental não apresente remissão, é possível desenvolver potencialidades afetivas que diminuam a vulnerabilidade dos usuários e possibilitem a instauração de vínculos sociais.

Em conformidade com o pensamento de Saraceno, no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, pode-se afirmar que a aprendizagem das atividades propostas nas oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE não acontecia unicamente pela transmissão do conhecimento das técnicas para os usuários, ou pelo dar simplesmente, mas igualmente pelos vínculos gerados: havia a interação entre as profissionais do serviço e as usuárias; a interação entre as próprias usuárias; e a interação dos sujeitos que participavam da RETRATE com a sociedade em geral. O processo em questão estava associado, portanto, às dinâmicas de reciprocidade, na medida em que se criava um vínculo, estabelecia-se o endivi-

damento mútuo, criava-se uma aliança e um pacto de confiança com o outro.

Assim sendo, durante a execução do trabalho em si, as usuárias também fazem questão de se ajudar. Se alguma delas, por algum motivo, está com dificuldades para concluir a sua atividade, antes mesmo de solicitar o auxílio da técnica, solicita o auxílio de sua colega. Muitas vezes fica claro que a usuária que se dispõe a ajudar sabe tanto quanto a outra, mas o simples fato de ser questionada sobre o modo de fazer faz com que ela se sinta importante para o grupo e motivada para o trabalho. Esse acaba sendo um fator que merece evidência, pois, mesmo que as manifestações de reciprocidade assimétricas acabem desestabilizando a união do grupo em alguns momentos, o acolhimento dado às usuárias faz com que se produza uma relação motivada pelo interesse para com o outro e pelo projeto coletivo.

Ademais, as relações de cuidado e amizade estabelecidas entre profissionais e usuárias nas oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE ultrapassam esse espaço. Particularmente em relação às usuárias, estas se ligam, se visitam, saem para passear e fazem compras juntas. Quando uma delas chega às oficinas se mostrando depressiva, as demais logo proferem palavras de apoio e a convidam para ir à igreja, fazendo com que ela conte os motivos pelos quais estava se sentindo desmotivada ou deprimida.

Outro aspecto que merece ser ressaltado é a fala recorrente da técnica responsável pelas oficinas de costura, confecção de sacolas de papel, crochê, tricô e tear. A técnica em questão está sempre enfatizando que as usuárias que participam destas oficinas são as suas pupilas, pois ela sabe que pode contar com elas para qualquer coisa, eis que são elas que carregam a RETRATE *nas costas*. Tal fala gera nas usuárias uma *marca positiva*, que, segundo Goffman (1980), se contrapõe à *marca negativa* do estigma social da doença. Para Nascimento (2009, p. 113)

Essas marcas do social, tanto positivas como negativas, serão incorporadas pelas pessoas estigmatizadas. Quando forem negativas, provocarão no sujeito uma sensação de incapacidade, de incompletude, fazendo que o sujeito desanime e não tente lutar para a superação do estigma, incorporando por completo essa marca de descrédito. Por outro lado, quando as marcas positivas são estimuladas nos contatos face a face, podem provocar na vida do indivíduo estigmatizado o desejo de mudanças e superação das dificuldades.

Ainda acerca desse tema, segundo Hall (2001) e Bernardes e Guareschi (2002), a identidade deve ser concebida como movimento, como transformação, e não como mera descrição. Percebe-se, portanto, que a construção e a ressignificação das identidades dessas mulheres se dão na ordem do coletivo, pois, na medida em que as mesmas vão se identificando com o trabalho desenvolvido no interior das oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE, com a posição que passam a ocupar dentro e fora desse espaço e com as demais usuárias e profissionais atuantes, elas acabam sendo interpeladas, tornando-se parte daquilo que falam e parte daquilo que é falado. De acordo com esta perspectiva, tais transformações no modo de se reconhecerem enquanto portadoras de transtornos mentais não dizem respeito somente a elas (como indivíduos isolados), mas ao grupo como um todo, bem como à família e a toda a rede de saúde mental.

É possível ressaltar, portanto, que as oficinas aqui observadas, além de geradoras de trabalho e renda, funcionavam, sobretudo, como um exercício de autonomia, cidadania e cooperação (o qual leva em conta tanto a dimensão subjetiva como a dimensão sociocultural das profissionais e usuários), o que permite a visualização do saber construído numa relação de parceria, pelo menos em parte, não hierarquizada. As oficinas só têm sentido a partir de um desejo, de uma escolha, seja do profissional que as propõe e coordena, seja dos usuários que delas participam.

Entretanto, nesse processo, o pensamento de Guareschi (2004) acerca das relações que se estabelecem num grupo social também é elucidativo. O autor afirma que em qualquer grupo social haverá diferentes tipos de relações, sejam elas de amizade, colaboração, conflito e dominação. Para ele, “algumas dessas relações podem ir desaparecendo aos poucos, outras se modificam e outras, ainda, se fixam, se estabilizam até certo ponto, pois uma relação nunca chega a cristalizar-se totalmente, a absolutizar-se” (Guareschi, 2004, p. 69). Essa assertiva justifica, portanto, a ideia de que, embora as relações de reciprocidade simétricas prevaleçam no decorrer das oficinas e sejam consideradas de suma importância no processo de ressignificação identitária e minimização do estigma, a existência de tensões e contradições no próprio grupo é considerada normal, na medida em que as relações se modificam e a intensidade delas também.

Goffman (1985), ao falar sobre a representação do eu na vida cotidiana, também enfatiza

essa questão ao afirmar que os sujeitos estigmatizados farão de tudo o que puderem para evitar o embaraço, a vergonha, o descrédito, no decorrer da interação social. Portanto, nos momentos em que prepondera a reciprocidade assimétrica entre profissionais e usuárias, percebe-se nitidamente que muitas coisas ficam encobertas e que as usuárias acabam evitando o conflito com as mesmas, seja para manter a ordem do grupo, ou mesmo pelo medo do confronto direto ou indireto, que pode ocorrer pela interação conversacional.

Ademais, a obrigação de *retribuir* o que é recebido por intermédio das profissionais da RETRATE justifica em grande medida a opção destas usuárias por não revidar nestas situações de conflito. As usuárias prezam o conhecimento adquirido por meio das técnicas, assim como a amizade e o apoio direto nos momentos difíceis; e, nestes casos, é importante perceber que, além dos vínculos que podem ser rompidos, o afastamento da RETRATE também traria dificuldades para aquelas usuárias que desejassem inserir-se em um novo serviço vinculado à rede de saúde mental.

Na RETRATE, portanto, não se trocam presentes, matrimônios ou banquetes, mas compartilham-se experiências com pessoas que, apesar de já terem chegado ao *fundo do poço* devido aos seus problemas psíquicos, estão saindo de lá graças à união de seu esforço individual com o acolhimento dado pelo grupo. Conforme mencionado, é fato que, em alguns momentos, as usuárias apresentam insatisfação para com a postura e o trabalho das profissionais responsáveis pelo serviço, e estas, por sua vez, para como as atitudes e a postura das usuárias; no entanto, de acordo com o discurso apresentado, os vínculos produzidos no decorrer das oficinas são mais fortes e acabam sendo determinantes para a superação dos eventuais desentendimentos. Por considerarem o grupo uma segunda família, as usuárias avaliam as desavenças como normais, muito embora enfatizem que estas não podem prevalecer.

Por fim, o que se percebe é que, independentemente da quantidade ou do nível de sua contribuição, todos (sejam profissionais, usuários, ou mesmo pesquisadores), em algum momento, passam a se beneficiar dos valores e dos vínculos produzidos por intermédio das relações de reciprocidade nas oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE. No entanto, o benefício trazido por esses valores afetivos e éticos exige que cada um (mesmo que em momentos ou de formas diferenciadas,

pois cada pessoa é livre no seu comportamento) demonstre o cuidado e a responsabilidade de participar ativa e simbolicamente de sua manutenção, pois é a reprodução do ciclo dar, receber e retribuir que garante a continuidade destas relações e até mesmo do serviço.

Não se pode negar, por conseguinte, que a existência da incerteza, da indeterminação, do risco quanto à efetiva retribuição da dádiva por parte dos sujeitos envolvidos se faz constantemente presente nesta estrutura de reciprocidade; até mesmo porque ela se diferencia do contrato mercantil, que obriga os sujeitos a cumprirem com o combinado, independentemente dos sentimentos e vínculos existentes com relação ao outro. No entanto, “entrar no jogo do dom, nos presentes dados e recebidos, é aceitar comprometer-se. O sistema da dádiva estabelece entre doador e donatário uma ligação muito forte” (Flach e Susin, 2006, p. 192). Assim sendo, é de se evidenciar que, além da própria participação nas oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE representar num primeiro momento uma retribuição, o engajamento pessoal e mútuo por parte das profissionais e usuárias em relação à manutenção do trabalho e minimização do estigma social da doença faz com que a confiança no outro se estabeleça, que o conhecimento seja compartilhado e que os laços sociais sejam zelados e enaltecidos por todos os envolvidos.

Conclusão

Desenvolvidas a partir da articulação entre a Área Técnica de Saúde Mental do Ministério da Saúde e a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego, as cooperativas sociais e as oficinas de geração de trabalho e renda apresentam-se como alternativas à ordem social existente, na medida em que se contrapõem às dinâmicas de exclusão, proporcionando aos portadores de transtornos mentais a inclusão social pelo trabalho. Além disso, ao apontarem para o resgate do amor, da harmonia e da solidariedade entre os sujeitos, reforçam a constatação de Mauss (1974) de que, na vida social e nas relações que se estabelecem, há um constante dar, receber e retribuir que sela alianças e instaura o vínculo social.

No entanto, embora o Brasil tenha dado passos importantes para a consolidação desse projeto, com a adoção desses novos instrumentos, é de conhecimento do senso comum que a inclusão do portador de transtornos mentais no mercado de trabalho ainda se apresenta

como um desafio de ordem macroestrutural para o Movimento da Reforma. De acordo com os dados observados em campo, a razão de ser de tal situação é a frágil sustentação institucional e financeira das cooperativas sociais e das oficinas de geração de trabalho e renda, a qual continua contribuindo para a inclusão precária dos sujeitos considerados excluídos.

A prova de tal afirmação está no fato de que, ao se fundamentarem no trabalho coletivo e solidário, as oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE se mantêm e se reconhecem em si mesmas através da triplíce obrigação existente nas relações estabelecidas entre profissionais e usuárias, bem como no investimento livre em parcerias com as quais instituem redes de obrigações. Logo, o interesse e o investimento individual isolado (ou mesmo a obrigação municipal de custear o serviço) são vistos apenas como consequências do trabalho apresentado no decorrer das oficinas e, de igual forma, como consequência da importância que os atores políticos dão ao campo da saúde mental.

Defende-se, por conseguinte, que são essas relações – caracterizadas ao longo do texto como reciprocidade, dar, receber e retribuir – que propiciam não só a geração de trabalho e renda, mas a consolidação de laços de amizade, solidariedade, cooperação e confiança, bem como a troca de saberes e experiências entre profissionais e usuárias (relações essas que igualmente promovem o desenvolvimento do serviço e o seu reconhecimento pela sociedade pelotense). Ademais, essas mesmas relações, além de proporcionarem aos usuários ressignificação identitária (a qual se constitui na medida em que os usuários assumem a identidade de trabalhadores e se tornam diretamente responsáveis pelo desenvolvimento das oficinas de que participam), também auxiliam na minimização do estigma a qual vai se estabelecer como consequência desse processo, pois, no momento em que a sociedade passa a conhecer e elogiar o trabalho desempenhado pelos usuários, deixa de lado a visão da anormalidade e auxilia no aumento da autoestima dos mesmos).

Um importante aspecto que não pode ser esquecido nesse contexto é o de que a produção de resultados materiais (parcerias instituídas, produção nas oficinas, dinheiro arrecadado nas feiras, materiais comprados) e simbólicos (valores éticos e laços sociais) só ocorre no momento em que os sujeitos envolvidos se comprometem com o trabalho desenvolvido e com a manutenção dos vínculos. Na medida em

que há a quebra de reciprocidade (ou ainda o predomínio da reciprocidade assimétrica), as relações como um todo são afetadas, podendo, inclusive, acarretar o término do vínculo, ou mesmo a desestabilização do serviço.

Atinente a esse contexto em particular, a propósito, faz-se necessário elucidar quais foram as forças impulsionadoras e quais foram as forças restritivas para a preponderância da reciprocidade nas oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE.

Primeiramente, como forças impulsionadoras da reciprocidade, destacam-se: o cuidado com o outro que se encontra fragilizado emocionalmente; o respeito com a história, com o trabalho e com as limitações do outro; o reconhecimento mútuo; o comprometimento com o desenvolvimento do serviço e com a troca que se estabelece entre o grupo; e a geração de valores éticos de responsabilidade e de justiça entre profissionais e usuárias.

Assim, a consciência de que se está lidando com vidas (e que essas são representadas por sujeitos que, para além da doença, têm sentimentos e pensamentos próprios) deve preponderar nesse programa de inclusão social pelo trabalho, até mesmo porque é através dele que as usuárias se assumem enquanto portadoras de transtornos mentais e se constituem enquanto tal. Além do mais, é através dele que as mesmas têm a possibilidade de positivar sua identidade, ao se verem como trabalhadoras.

Como forças restritivas mencionam-se: a ocorrência das relações de poder e de hierarquia; os esforços concentrados apenas em questões materiais e nos aspectos instrumentais; a sujeição e a obediência das usuárias diante das decisões tomadas pelas profissionais atuantes; e a falta de apoio e incentivo dos órgãos públicos. Destarte, o predomínio de relações assimétricas e mercantis acaba relegando a um segundo plano as trocas de valores éticos e afetivos, e, devido a isso, os usuários deixam de se sentir corresponsáveis pelo desenvolvimento das oficinas, o que acarreta prejuízos para o serviço como um todo.

Para finalizar, faz-se necessário destacar que não se pretende com a temática aqui discutida contribuir apenas para uma discussão acadêmica (a qual destaca a importância das relações de reciprocidade), uma vez que o acolhimento dado à pesquisadora pelas profissionais e pelas usuárias nas oficinas de geração de trabalho e renda da RETRATE (no decorrer de um ano) também merece uma retribuição, e esta, por sua vez, não pode se traduzir

apenas em palavras de agradecimento, mas, sobretudo, em práticas. A consciência de que, apesar dos progressos apresentados, os portadores de transtornos mentais continuam sendo estigmatizados por uma sociedade que se considera *normal* (mas que é capaz de cometer as maiores injustiças e anormalidades) fundamenta o desejo de contribuir, pelo menos minimamente, para a transformação desta realidade. Portanto, a interferência direta (ou mesmo indireta) nesse contexto e a criação de contrassaberes devem ser dispositivos usados para a efetividade desta retribuição, bem como para a manutenção do vínculo criado.

Referências

- BARRETO, S.M.G. 2009. *O processo de inclusão social dos portadores de transtornos mentais: discursos e práticas em um CAPS*. Salvador, BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 172 p.
- BERNARDES, A.G.; GUARESCHI, N.M.F. 2002. Identidade e diferença: constituição de trabalhadores na saúde mental. *Athenea Digital*, 2:1-17.
- CAILLÉ, A. 2002. *Antropologia do dom*. Petrópolis, Editora Vozes, 328 p.
- FLACH, J.L.; SUSIN, L.C. 2006. O paradigma do dom. *Revista Trimestral*, 36(151):179-308.
- GUARESCHI, P. 2004. *Psicologia social crítica como prática de libertação*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 148 p.
- GOFFMAN, E. 1980. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 198 p.
- HALL, S. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed., Rio de Janeiro, DP&A, 22 p.
- KIRSCH, R.; SABOURIN, E. 2007. *Incubação de empreendimento da economia solidária e as implicações das relações de reciprocidade*. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 148 p.
- LUSSI, I.A.O. 2009. *Trabalho, reabilitação psicossocial e rede social: concepções e relações elaboradas por usuários de serviços de saúde mental envolvidos em projetos de inserção laboral*. Ribeirão Preto, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 167 p.
- LUSSI, I.A.O.; PEREIRA, M.A.O.; PEREIRA JUNIOR, A. 2006. A proposta de reabilitação psicossocial de Saraceno: um modelo de auto-organização. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(3):448-456.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000300021>
- MAUSS, M. 1974. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e Antropologia*, 2(2):183-314.
- NASCIMENTO, M.A. 2009. *Erving Goffman, as interações no cotidiano escolar, desvendando o estigma dentro da inclusão escolar*. São Bernardo do Campo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, 137 p.

SABOURIN, E. 2011. Teoria da Reciprocidade e socioantropologia do desenvolvimento. *Sociologias*, **13**(27):24-51.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222011000200003>

SABOURIN, E. 2008. Marcel Mauss: da dádiva a questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, **23**(66):131-208.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008>

SINGER, P. 2005. Saúde Mental e Economia Solidária. In: DEPARTAMENTO DE AÇÕES PRO-

GRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS, *Saúde Mental e economia solidária: inclusão social pelo trabalho*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Brasília, Editora do Ministério da Saúde, 134 p.

Submetido: 28/09/2012

Aceito: 04/04/2013